

SÃO PAULO, SP, 29 DE JANEIRO DE 1999

*Senhor Vice-Presidente, Marco Maciel; Senador Antônio Carlos; Deputado Michel Temer; Senhores Ministros de Estado; Senhor Vice-Governador Geraldo Alckmin; Senhores Parlamentares; Senhor Presidente das Organizações Globo, meu amigo, jornalista Roberto Marinho; Dona Lily Marinho; Senhor Prefeito de São Paulo, Celso Pitta; Senhores empresários de comunicação; jornalistas; Senhoras e Senhores,*

É um privilégio poder, em um período de menos de trinta dias, participar de dois marcos das Organizações Globo. Um no Rio de Janeiro, onde, há poucas semanas, inaugurávamos talvez o maior parque gráfico ao sul do Equador para a produção de um jornal. E, quem sabe, competindo com os que estão ao norte do Equador.

E agora, aqui em São Paulo, essa central de jornalismo. O Roberto Irineu mencionou há pouco as instalações que havia na Praça Marechal Deodoro. Eu me recordo bem delas. Estive muitas vezes ali. Não sou pessoa de comodidades, mas olhem, lá era muito incômodo. Hoje, já ao chegar aqui, vejo esse prédio magnífico, as palavras do Governador Mário Covas, de absoluta sinceridade, mostrando a alegria de São Paulo.

Fiquei pensando, talvez um pouco impropriamente, que as Organizações Globo têm um ponto em comum comigo: ambos somos cariocas de nascimento, mas hoje somos paulistas. Estamos aqui, em São Paulo, nos sentindo em casa. Eu sou paulista e até as Organizações Globo, nesse marco paulistano, mostram, mais uma vez, que também são paulistas.

Este espírito brasileiro, essas palavras que foram ditas pelo Roberto Irineu, do que seja o jornalismo hoje – a defesa da democracia, da competição, a informação, a abertura – é que marcam esse novo espírito brasileiro moderno. Nada é tão significativo, como símbolo dessa modernidade, no bom sentido, porque não é só aparência, não é só a casca, mas é uma realidade que se constrói. Sem a Praça Marechal Deodoro não teria havido a Avenida Luiz Carlos Berrini. Sem muita disposição de luta não se vence. Esse símbolo está aí. Hoje, este é um símbolo que o Brasil inteiro reconhece e com a qual se identifica. Identifica-se porque se identifica com a presença nacional, com a informação, com o debate, com tudo aquilo que faz com que exista, realmente, a cidadania.

Não quero, também, deixar de fazer uma alusão – que creio que é necessária neste momento – àquilo que foi dito pelo Roberto Irineu. A crise existe, mas nós não podemos deixar que ela nos domine. Quantas dificuldades a Rede Globo enfrentou! E hoje está aqui. Quantas dificuldades nós já enfrentamos no Brasil, e avançamos. Então, vamos enfrentar mais dificuldades com realismo, sem fechar os olhos à existência delas. Com determinação. Mas me lembro até de uma famosa frase do Churchill, numa época terrível, que era a guerra, em que ele dizia: “Não tenho nada a oferecer a não ser sangue, suor e lágrimas”. Há pouco tempo, eu disse: sangue, não; suor e lágrimas, sim. Lágrimas por não termos feito o que já poderíamos ter feito. Suor, porque temos certeza de que vamos fazer o que é necessário para que o Brasil continue a ser um Brasil próspero, um Brasil que possa ter essas marcas do seu avanço, do seu temperamento de um país que é confiante em si porque trabalha.

Esta inauguração de hoje é o símbolo disso tudo, de um Brasil que trabalha e – porque trabalha – acredita. Não tem medo de suar. Vai evitar, se for necessário, as lágrimas. Saberá derramá-las, mas olhando sempre para o horizonte. E o horizonte só pode ser de confiança. Eu confio no Brasil. Eu confio na Rede Globo.

